

FICHA TÉCNICA

Título original: *At The Edge of the Orchard*

Autora: *Tracy Chevalier*

Copyright © 2016 by Tracy Chevalier

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Ana Matoso / Editorial Presença*

Design da capa: *HarperCollinsPublishers Ltd.* 2016

Fotografias da capa: *CollaborationJS/Trevillion Images (mulher);*

Shutterstock.com (restantes imagens)

Mapa © Kohn Gilkes

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 409 660/16

1.ª edição, Lisboa, junho, 2016

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

«O sumo de maçã é muito bom no tratamento de doenças como a melancolia, estimulando a alegria e expulsando a tristeza.»

John Parkinson,
Paradisi in Sole Paradisus Terrestris, 1629

«Ao espírito vergado pelo sofrimento, ou atormentado por preocupações, uma peregrinação a esses templos umbrosos proporciona um alívio reconfortante. Observem as copas perenes das árvores que há mais de três mil anos resistem às tempestades!... Perdendo-se nesse deslumbramento e admiração, o tumulto das contendas mundanas parece dissipar-se.»

Edward Vischer,
The Mammoth Tree Grove, Calaveras County, California, 1862

«Segue para o Oeste, meu jovem, e cresce com o país.»

John Babsone Lane Soule, 1851
e Horace Greeley, 1865

Black Swamp, Ohio

Primavera, 1838

Mais uma vez estavam a discutir por causa de maçãs. Ele queria plantar mais maçãs comestíveis, para comer; ela queria maçãs ácidas, para beber. Era uma discussão tão habitual que ambos já desempenhavam os seus papéis na perfeição, as palavras fluindo de forma suave e monótona em torno deles pois tinham-nas escutado tantas vezes que já não estavam para as ouvir.

O que diferenciava essa discussão entre doce e ácido das restantes não era o facto de James Goodenough estar cansado; ele estava sempre cansado. Era desgastante construir uma vida em Black Swamp. Não era por Sadie Goodenough estar de ressaca; era costume ela estar de ressaca. A diferença residia no facto de John Chapman ter estado com eles na noite anterior. De todos os membros da família Goodenough, apenas Sadie ficara acordada a ouvi-lo falar até de madrugada, atirando de vez em quando pinhas para a lareira para atizar o fogo. O entusiasmo nos olhos e nas entranhas dele, e sabe Deus onde mais, contagiaram-na qual chama que salta de uma apara de madeira encaracolada para a seguinte, à procura do caminho da verdade. Ela ficava sempre mais feliz, mais atrevida e segura de si própria depois das visitas de John Chapman.

Embora estivesse muito cansado, James não tinha conseguido dormir enquanto a voz de John Chapman enchia a casa de madeira com a persistência de um mosquito do pântano. Talvez tivesse conseguido se tivesse ido juntar-se aos filhos no sótão, mas não queria deixar a cama, posicionada na parede defronte da lareira, qual convite em aberto. Ao fim de vinte anos juntos, já não desejava Sadie

como antes, em especial desde que a aguardente de maçã revelara o lado mais agressivo dela. Mas sempre que John Chapman visitava os Goodenough, James dava por si a reparar na elevação dos seios dela sob o vestido azul coçado e na surpresa que era a sua cintura, mais larga mas ainda perceptível depois de dez filhos. Não sabia se John Chapman também reparava nessas coisas — para um homem na casa dos sessenta, continuava a ser magro e cheio de vigor, não obstante o branco metálico do seu cabelo desgrenhado. James não tencionava descobri-lo.

John Chapman era um comerciante de maçãs que subia e descia os rios do Ohio numa canoa dupla carregada de macieiras, para as vender aos colonos. Aparecera pela primeira vez quando os Goode-nough tinham acabado de chegar a Black Swamp, trazendo o seu carregamento de árvores e lembrando-os de que eram obrigados a plantar cinquenta árvores frutíferas no terreno, no espaço de três anos, se queriam passar a ser os legítimos proprietários do mesmo. Aos olhos da lei, um pomar era um claro indício da intenção de um colono de se estabelecer nesse lugar. James comprara vinte árvores de uma assentada.

Não queria apontar o dedo a John Chapman pelos subsequentes infortúnios da família, mas de vez em quando vinha-lhe à memória essa venda inicial e esboçava uma careta. Na altura havia para venda plântulas com um ano e árvores jovens com três anos, que custavam três vezes mais do que as plântulas, mas que dariam frutos dois anos mais cedo. Se tivesse sido sensato — e ele era sensato! — James ter-se-ia limitado a comprar cinquenta plântulas, mais baratas, a preparar-lhes um viveiro e a deixá-las crescer, enquanto desbravava metodicamente, sempre que para tal encontrasse tempo, uma parcela de terreno para plantar um pomar. Mas isso também teria implicado estar cinco anos sem provar maçãs. James Goode-nough não se achava capaz de suportar essa privação durante tanto tempo — não na miséria que era Black Swamp, com a sua água estagnada, o fedor a podridão e a bolor, a lama preta espessa que por muito que se esfregasse não saía da pele nem da roupa. Precisava de as saborear para atenuar o choque de ter ido parar àquele lugar. Plantar mudas significava que teriam maçãs dois anos mais cedo.

Como tal, adquirira vinte mudas com dinheiro que na verdade não podia despender e desperdiçara tempo que na verdade não tinha, para desbravar uma parcela de terreno para elas. Isso viera atrasar a produção, tanto que a primeira colheita fora fraca, deixando-os com uma dívida que ele ainda estava a saldar, nove anos depois.

— As árvores são minhas — insistia agora Sadie, reclamando uma fileira de dez ácidas que James planeava enxertar para as transformar em comestíveis. — O John Chapman deu-mas há quatro anos. Podes perguntar-lhe quando ele voltar; há de lembrar-se. Não te atrevas a mexer-lhes. — Dito isto, ela levou a faca ao pedaço de presunto, para cortar fatias para o jantar.

— Nós comprámos-lhe essas plântulas. Ele não tas deu. O Chapman nunca oferece árvores, só sementes; as plântulas e as mudas são demasiado valiosas para ele as dar. Seja como for, estás enganada; aquelas árvores são demasiado grandes para serem as das sementes plantadas há quatro anos. E não são tuas, são da quinta. — James sabia que a mulher o estava a ignorar, mas não conseguia evitar continuar a falar, na tentativa de a fazer compreender.

Irritava-o que Sadie tentasse reclamar árvores do pomar quando nem sequer sabia contar a história delas. Não era assim tão complicado recordar os pormenores de trinta e oito árvores. Bastava apontar-se para qualquer uma que James sabia dizer em que ano tinha sido plantada, se fora plantada a partir de semente, de plântula ou de muda, ou se fora enxertada. Sabia dizer de onde tinha vindo — de uma enxertia da quinta Goodenough no Connecticut, de uma mão-cheia de sementes das Roxbury Russet¹ de um agricultor de Toledo, ou de outra muda comprada a John Chapman quando uma pele de urso lhes rendia algum dinheiro. Sabia a produção anual de cada árvore, em que semana de maio cada uma delas floria, quando é que as maçãs estariam prontas para serem colhidas e se deveriam ser cozinhadas, secas, prensadas ou comidas tal como estavam. Sabia precisar quais as árvores que tinham sido atacadas por sarna, quais tinha sido atacadas por míldio e quais por ácaros de aranha vermelha, e também sabia o que fazer para tratar

¹ Variedade de maçã, semelhante a maçã reineta. (NT)

cada praga individualmente. Tratava-se de um conhecimento tão básico para James Goodenough que não lhe passava pela cabeça que não fosse igualmente básico para as outras pessoas, e ficava sempre surpreendido perante a ignorância da sua família no que dizia respeito a maçãs. Parecia pensar que se espalhavam umas sementes no chão e que depois se colhiam os resultados, sem mais etapas pelo meio. À exceção de Robert. O membro mais novo da família Goodenough fora sempre a exceção.

— As árvores são minhas — repetiu Sadie, o rosto exibindo uma expressão carrancuda. — Não as podes cortar. Dão umas belas maçãs. Fazem uma bela sidra. Cortas uma e perdemos um barril de sidra. Vais privar os teus filhos de sidra?

— Martha, vem ajudar a tua mãe. — James não suportava ver Sadie a manusear a faca, cortando fatias irregulares demasiado grossas de um lado e demasiado finas do outro, os seus dedos a ameaçarem ser incluídos na refeição. Ela iria continuar a cortar fatias até o presunto acabar ou então perderia o interesse e pararia ao fim de três fatias.

James esperou que a filha (uma rapariga magricelas de cabelo fino e olhos cinzentos fatigados) começasse a fatiar o presunto. As filhas dos Goodenough estavam habituadas a substituir a mãe na preparação das refeições.

— Não as vou cortar — explicou mais uma vez a Sadie. — Vou enxertá-las para que passem a produzir maçãs doces. Tu sabes isso. Precisamos de mais Golden Pippins². Perdemos nove árvores este inverno, a maioria delas comestíveis. Agora temos trinta e cinco ácidas e só três comestíveis. Se eu fizer uma enxertia de Golden Pippins em dez das ácidas, ficamos com treze comestíveis no espaço de poucos anos. Durante uns tempos não vamos ter tantas árvores a dar fruto, mas a longo prazo será mais vantajoso para nós.

— Para ti. O guloso aqui és tu.

James podia ter lembrado Sadie de que era ela quem punha açúcar no chá, quem se apercebia de quando este estava a acabar e quem chateava James para ir a Perrysburg comprar mais. Em vez disso,

² Uma das variedades de maçã mais antigas nos EUA. (NT)

insistiu em explicar-lhe os números tal como tinha feito inúmeras vezes ao longo dessa última semana, quando anunciara a sua intenção de enxertar mais árvores nesse ano.

— Isso faz um total de treze comestíveis e vinte e cinco ácidas. Se acrescentarmos as quinze plântulas que o John Chapman nos vai trazer para a semana, ficamos com cinquenta e três árvores, mais três do que precisamos para estarmos dentro da legalidade. Treze comestíveis e quarenta ácidas, todas a produzirem daqui a poucos anos. Vamos acabar por ter mais ácidas para sidra do que temos agora. E podemos sempre pensar comestíveis, se for caso disso. — Ele jurara a si mesmo jamais desperdiçar comestíveis no fabrico de sidra.

Debruçada sobre a mesa, com a filha a movimentar-se calmamente à sua volta enquanto preparava o jantar, Sadie fitou o marido com o semblante carregado. Tinha os olhos vermelhos.

— Esse é o teu plano mais recente no que toca às maçãs, é? Vais passar rapidamente do número mágico cinquenta para o cinquenta e três?

James sabia que não devia ter empregado tantos números para explicar o que pretendia fazer. Incomodavam Sadie como se de vespas se tratassem, em especial quando estava cheia de aguardente de maçã. Certa vez dissera que os números a deixavam petrificada.

«Não me interessa saber quantas bocas tenho para alimentar», explicara-lhe ela. «Só quero pôr comida na mesa.» Contudo, James não era capaz de se conter: reconfortava-o contabilizar as árvores, matutar sobre a quantidade existente, plantar mais uma Golden Pippins, remover uma ácida híbrida resultante de uma das visitas de John Chapman. Os números concretos mantinham afastada a floresta que circundava a propriedade deles, tão densa que era impossível contabilizar todas as árvores. Os números faziam-nos sentir responsáveis.

«Os números são uma invenção ianque e olha que já não estamos no Connecticut», costumava ela recordar-lhe. «As pessoas do Ohio não querem saber de números para nada.» Agora, a resposta dela aos números que ele expusera no seu argumento foi ainda mais rude.

— Merda para os teus números — disse. — Nunca hás de chegar às cinquenta, quanto mais às cinquenta e três.

Desrespeito pelos números: foi o que levou James a dar-lhe um estalo; embora não o tivesse feito se ela ainda tivesse a faca na mão.

Ela reagiu lançando-se a ele de punhos em riste, acertando-lhe com um soco na parte lateral da cabeça antes de ele a forçar a sentar-se novamente na cadeira e dar-lhe mais um estalo. Pelo menos não lhe tinha acertado no olho, como já acontecera uma vez; os vizinhos gostavam de fazer troça de James por causa do olho negro que a mulher lhe tinha posto. «Buckeye», chamavam-lhe eles, como a variedade de castanha tão comum no Ohio. Muitas mulheres exibiam olhos negros; maridos eram poucos.

O segundo estalo acertou no lábio de Sadie. Ela pareceu ficar atordoada perante a visão do seu próprio sangue, deixando-se ficar sentada, as gotas de cor viva salpicando-lhe o vestido como se fossem bagas caídas.

— Limpa a tua mãe e chama-me quando o jantar estiver pronto — disse ele para Martha, que pousou a faca e foi buscar um pano. Martha era a sua favorita, sempre meiga e sem nunca protestar nem parecer rir-se dele, como faziam alguns dos seus outros filhos. Temia por ela todos os meses de agosto, altura em que aparecia a febre dos pântanos. Quase todos os anos, um dos seus filhos era sacrificado, indo juntar-se à fileira de sepulturas marcadas com cruces de madeira numa zona ligeiramente mais elevada da floresta, não muito longe da casa. A cada nova sepultura ele vira-se obrigado a abater áceres e freixos, para arranjar espaço para escavar. Aprendera a fazê-lo no mês de julho, antes de alguém morrer, para que o corpo não tivesse de esperar que ele se debatesse com as raízes imensas das árvores. Era preferível adiantar o trabalho pesado enquanto podia.

Estava habituada aos estalos dele. Nem me aqueciam, nem me arrefeciam. Era costume discutirmos por causa das maçãs.

Tem graça, antes de irmos para Black Swamp nunca pensava em maçãs. Em criança tive um pomar, como toda a gente, mas não lhe prestava nenhuma atenção, exceto quando as árvores floriam em março. Nessa altura deitava-me debaixo delas a sentir o cheiro adocicado e a ouvir as abelhas a zunirem, felizes porque tinham flores com que brincar. Foi lá que eu e o James nos deitámos juntos pela primeira vez. Devia ter percebido logo que ele não era para mim. Estava tão ocupado a inspecionar as árvores da minha família, a perguntar-me que idade é que elas tinham (como se eu soubesse) e como é que era a fruta («Sumarenta como eu», respondi-lhe), que acabei por ter de desabotoar o vestido eu mesma. Isso calou-o durante uns minutos.

Nunca tive muito jeito para a apanha. A minha mãe dizia que era demasiado apressada, que deixava cair muitas peças e que arrancava os pedúnculos das outras. Era rápida porque queria despachar-me. Utilizava as duas mãos para torcer e arrancar duas maçãs de cada vez, e depois a terceira caía e ficava pisada, e nós tínhamos de reunir todos os frutos pisados em separado e cozinhá-los de imediato para fazermos manteiga de maçã. No início de cada estação, os meus pais faziam-me apanhar fruta até se lembrarem da terceira maçã que acabava sempre por cair. Então punham-me a reunir a fruta que caía com o vento, que estava pisada e estragada por ter caído da árvore. Nem toda a fruta que caía com o vento era má. Ainda podia ser transformada em compota ou em sidra. Ou então punham-me a cozinhar ou a cortar rodela para secar. Eu gostava de cortar rodela. Se cortarmos uma maçã ao longo do coração, em vez de ao alto, as sementes desenham flores ou estrelas no centro do círculo. Uma vez disse isso ao John Chapman e ele sorriu-me. «É o desígnio de Deus», respondeu-me. «É muito inteligente da sua parte ter reparado nisso, Sadie.» Foi a única vez que alguém me chamou inteligente.

O James também não me deixava tocar nas maçãs das suas árvores. As suas preciosas trinta e oito macieiras. Oh, eu sabia quantas ele tinha. Ele pensava que eu não prestava atenção quando as enumerava, mas bêbeda ou não eu ouvia-o, porque estava sempre a repetir-se. Quando nos casámos no Connecticut ele ficou logo a

saber quantas maçãs é que eu estragava. Por isso em Black Swamp mandava algumas das crianças colhê-las, a Martha, o Robert e o Sal. Também não deixava o Caleb nem o Nathan apanhá-las, dizia que nós os três éramos demasiado brutos. Era muito implicativo por causa das suas árvores. Dava comigo em doida.

James dirigiu-se para as traseiras da casa de madeira, passando pelo jardim que eles tinham começado a lavar agora que o chão já não estava congelado, e continuou em frente até ao pomar. Ao instalarem-se em Black Swamp, a primeira coisa que os Goodenough tinham feito, depois de construírem a tosca casa de madeira perto do rio Portage, fora desbravar o terreno destinado ao pomar e plantar as plântulas de maçã de John Chapman. Todos os carvalhos, nogueiras e ulmeiros que ele derrubara tinham exigido um esforço tremendo. Já era difícil cortar e arrastar o tronco e os ramos, para os pôr a secar para lenha ou fazer estruturas de cama, de cadeiras, de rodas ou de caixões. Mas extrair os cepos e as raízes deixava-o de rastos de cada vez que decepava, escavava, arrancava e lavrava. O ato de arrancar um cepo recordava-o do quão profundamente as árvores se agarravam ao solo, a firmeza com que se mantinham no mesmo lugar. Apesar de não ser um homem sensível (não chorara quando os filhos morreram, limitando-se a escavar as sepulturas e a enterrá-los), James ficava em silêncio sempre que matava uma árvore, refletindo sobre o tempo que ela tinha passado nesse sítio. Nunca tinha esse comportamento em relação aos animais que caçava; eram alimento e estavam de passagem, passando por este mundo para depois o abandonarem, tal como acontecia com as pessoas. Porém, as árvores eram permanentes; até termos de as cortar.

Ele estava parado sob a luz do crepúsculo de março, a perscrutar o seu pomar; cinco filas de árvores, com um pequeno viveiro de plântulas num dos cantos. Era invulgar ver-se espaço em torno de árvores individuais em Black Swamp; regra geral, ou havia uma zona com água ou havia floresta densa. O pomar dos Goodenough não

era espetacular, mas era uma prova de que James tinha capacidade para domar uma pequena parcela de terra e levar as árvores a fazerem o que ele pretendia. Atrás delas, a imensidão aguardava na emaranhada vegetação rasteira e nos lodaçais acidentais; era necessário caminhar-se com imenso cuidado, caso contrário ficava-se atolado até às coxas em água estagnada e preta. Depois de atravessar o pântano, para caçar, cortar lenha ou visitar um vizinho, James ficava sempre aliviado quando regressava à ordem segura do seu pomar.

Agora estava a contar as suas macieiras, apesar de já saber que tinha trinta e oito. Convencera-se de que cumpriria facilmente com a exigência de cinquenta árvores frutíferas, com produção no espaço de três anos, para poder assentar arraial no Ohio, mas partira do princípio de que as macieiras cresceriam no pântano da mesma forma que tinham crescido na quinta do seu pai no Connecticut, onde o solo era bastante seco e fértil. Todavia, o terreno pantanoso era diferente: ensopado com uma água salobra, fazia apodrecer as raízes, estimulava o aparecimento de míldio e atraía a mosca preta. Era incrível existirem macieiras a vingar num lugar como aquele. Havia muitos outros tipos de árvores: os áceres abundavam, assim como os freixos, os ulmeiros, as noqueiras e várias espécies de carvalho. Mas as macieiras precisavam de luz e de terra seca, caso contrário era muito provável que não dessem frutos. E se não dessem frutos, os Goodenough seriam obrigados a passar sem eles. Black Swamp não era como o Connecticut, onde, caso as árvores apanhassem pulgão, sarna ou míldio e não produzissem maçãs, era possível negociar ou comprá-las aos vizinhos. Ali os vizinhos eram poucos e dispersos (somente os Day, a três quilómetros de distância, estavam lá há tanto tempo como eles, embora nos últimos tempos mais colonos tivessem começado a instalar-se por perto), e não tinham maçãs para dispensar.

James Goodenough era um homem sensato, mas as maçãs eram o seu ponto fraco. Eram-no desde que era criança e a mãe lhe dava maçãs doces como uma guloseima especial. O doce era um sabor raro porque o preço do açúcar era elevado; mas a doçura de uma tarte de maçã era praticamente gratuita uma vez que, depois de

plantadas, as macieiras davam pouco trabalho. Ele recordou os primeiros anos em Black Swamp, sem maçãs, e sentiu um calafrio. Só quando ficara privado de maçãs durante três anos é que se apercebera da importância das mesmas na sua vida, da maneira como ansiava por elas mais do que por uísque, tabaco, café ou sexo. O primeiro outono em que, depois de uma vida inteira habituado a elas, James percebeu finalmente que não teria maçãs para colher, armazenar e comer, entregou-se a uma espécie de luto que o surpreendeu. Inclusivamente, o desespero levava-o a colher os frutos minúsculos de uma macieira selvagem que encontrara junto a um dos trilhos índios; tinha presumivelmente germinado a partir dos caroços de uma maçã deitada fora por um colono. Somente conseguira comer três, até a acidez o forçar a parar, e depois ficara cheio de dores de estômago. Mais tarde, perto de Perrysburg, humilhara-se a si mesmo roubando do pomar de um estranho, apesar de ter tirado somente uma maçã que acabara por se revelar ácida em vez de comestível. Mas comera-a na mesma.

Nos anos subsequentes, comprara mais árvores a John Chapman (dessa feita plântulas) e semeara outras a partir das sementes. Por norma, as árvores crescidas das sementes produzem maçãs ácidas, mas tal como James gostava de salientar a quem quer que o escutasse, uma em cada dez poderia ser doce. Como acontecia com tudo o que era cultivado em Black Swamp, as macieiras demoravam tempo a desenvolverem-se e mesmo aquelas que pareciam saudáveis podiam facilmente morrer no inverno. Embora os Goodenough tivessem tido uma produção de maçãs três anos após a sua chegada àquele lugar, não tinham podido contar com elas. Uma vez a produção era grande; outras vezes as maçãs eram pouco abundantes e pequenas. Às vezes as pragas matavam as árvores. Durante vários anos James esforçara-se imenso para conseguir fazer vingar trinta árvores, quanto mais cinquenta. Nos últimos tempos fora mais bem-sucedido e no outono anterior colhera maçãs de quarenta e sete árvores. Durante o inverno, porém, nove pareciam ter morrido, qual castigo pela sua soberba.

Felizmente nunca ninguém aparecia para contar o número de árvores que tinham, como se fosse demasiado complicado entrar

e sair de Black Swamp para os inspetores se incomodarem sequer com isso. Nenhum dos seus raros vizinhos se preocupava com a regra das cinquenta árvores. Sadie achava piada a esse número e gostava de implicar com o marido por causa disso. Às vezes sussurrava «cinquenta» quando passava por ele. Mas James preocupava-se e muito, sempre à espera de que aparecesse alguém vindo do rio, ou ao longo de um dos trilhos dos índios que se entrecruzavam em Black Swamp, para o informar de que a quinta já não lhe pertencia.

Eu nunca quis morar em Black Swamp. Mas quem é que queria? Não é um nome que nos cativa³. Ficamos lá presos; atolados na lama de maneira a não podermos ir mais além, e vamo-nos deixando ficar porque há terra e não há gente, que era o que procurávamos. O James era o segundo mais novo de seis irmãos saudáveis, por isso só tínhamos direito a uma pequena parte da quinta Goodenough no Connecticut. Aguentámo-nos lá durante uns tempos, mas o James não me largava de noite e os filhos não pararam de vir. Depois o pai dele, um velho desmancha-prazeres que nunca gostou de mim, começou a sugerir que nos mudássemos para o Oeste, onde conseguiríamos arranjar mais terreno. Fez com que as mulheres dos irmãos do James falassem com os maridos, o que elas fizeram de bom grado porque também não gostavam de mim. Não me queriam perto dos maridos. Eu tinha algo que elas não tinham. Então os irmãos começaram a instigar o James a ser mais aventureiro. Na verdade deviam ter mandado o Charlie, irmão do James, para oeste. O Charlie Goodenough era o mais novo e, segundo ditava a tradição, era quem devia ter ido. Além do mais, tinha o sentido prático das coisas. O Charlie não teria permitido que a lama o tivesse amarrado ao pântano. Teria avançado em frente e alcançado um espaço aberto, onde tivesse uma terra boa e fértil debaixo dos pés, com sol, relva e água fresca. Mas toda a gente

³ «Black Swamp» significa «Pântano Negro». (NT)

adorava o Charlie, em especial a mulher. Ela era a que mais antipatizava comigo. Talvez tivesse razões para isso. Mas raios partam se ela não era a melhorzinha de todas.

Então, de repente, o Charlie também começou a dizer que o James devia partir; embora tivesse ficado bastante triste quando acabámos por partir. Deixou-se ficar mais tempo do que os outros a ver a nossa carroça descer o longo caminho, na direção oposta à quinta Goodenough. Aposto que desejava poder ser ele ao meu lado, a caminho de uma vida nova.

Afinal muitos agricultores do Connecticut tinham ido para o Ohio antes de nós. Demasiados. Atravessámos Nova Iorque e depois apanhámos um barco no lago, de Buffalo a Cleveland, e começámos à procura, à espera de que a nossa parcela de terra se estendesse à nossa frente qual cama impecavelmente feita, mas apenas encontrámos outros ianques; a maioria veteranos de guerra que recebiam terras do governo. Passámos ao largo de Cleveland e depois ouvimos dizer que era preferível partirmos rumo a oeste, em direção ao rio Maumee, indo mesmo até ao Indiana. Depois de Lower Sandusky estávamos nós a caminho de Perrysburg quando a estrada, se é que lhe podemos chamar isso, começou a ficar cada vez pior. Foi nessa estrada que nos deparámos com o nosso primeiro inimigo. A lama. Nunca vi nada tão viscoso. Agarrava-se às rodas da carroça de tal maneira que à medida que estas rodavam acumulavam mais lama, como uma bola de neve a crescer. De tal maneira que tínhamos de parar a carroça a cada quinze metros para limpar as rodas. Quase partiu as patas dos cavalos. Chegou a um ponto em que eles se recusaram a avançar e tivemos de esperar que se recompusessem. No dia seguinte avançámos oitocentos metros e depois tornaram a parar. Nessa estrada havia estalagens a cada quatrocentos metros, destinadas aos viajantes que ficavam presos. As próprias estalagens tinham sido montadas por colonos que não tinham conseguido avançar.

Por fim alcançámos o rio Portage e decidimos que já bastava, que não podíamos avançar mais, pelo que parecia que tínhamos chegado à nossa Terra Prometida. Nessa altura estava tudo coberto de lama. Tínhamos chafurdado nela e não a conseguíamos limpar

das botas, da roupa e nem debaixo das unhas dos pés. Às vezes os rapazes despiam as calças à noite e na manhã seguinte lá estavam elas em pé, sozinhas, cobertas de lama seca. Tínhamos de viver com isso e lavarmo-nos no rio. O John Chapman é que era esperto, descendo e subindo os rios e afluentes na sua canoa com toda a facilidade, mantendo-se longe da lama.

Passado algum tempo acostumámo-nos a ela. Ou se calhar deixei simplesmente de me preocupar. Ouvia os novos colonos a queixarem-se da lama e pensava: há coisas piores do que a lama. Esperem e verão.

Chegámos ao pântano no início de abril, que é uma boa altura para a pessoa se estabelecer, só que a pressa é muita para semear, criar uma horta e construir uma casa. E antes de fazer qualquer uma dessas coisas é preciso deitar abaixo as árvores. Havia mais um inimigo à nossa espera em Black Swamp. Oh, havia muitos inimigos!

Raios partam aquelas árvores. Odeio-as. Que Deus me perdoe. No Leste não tínhamos o problema de árvores que havia no Ohio. Eu e o James crescemos em quintas que já tinham sido criadas uns tempos antes, com casas, celeiros, campos desbravados e hortas. A minha mãe tinha inclusivamente um canteiro de flores. Há duzentos anos que havia colonos no Connecticut e tinham sido eles a ter o trabalho todo de arrancar as árvores. Cada horta, campo, cemitério e estrada só podiam ser criados depois de se terem deitado abaixo as árvores. Somente quando nos deparámos com uma parcela de terra repleta das árvores do Ohio é que nos apercebemos da quantidade de trabalho que tínhamos pela frente. Bem, que o James tinha pela frente, ele e as crianças mais velhas. Eu trazia o Robert na barriga e estava demasiado pesada para pegar num machado, arrastar madeira ou arrancar o raio dos cepos. Era óbvio que não iria haver nenhum canteiro de flores em Black Swamp. Qualquer desbravamento tinha de ser feito por motivos mais importantes do que flores. Era para nos alimentarmos, e para nos mantermos quentes e secos.

O desbravamento exigia tanto dos meus filhos que às vezes penso que foi isso que matou o Jimmy e a Patty, enfraquecendo-os de tal maneira que ficaram mais sujeitos a apanhar a febre dos

pântanos. A Patty morreu no primeiro verão, o Jimmy no verão seguinte. Nunca perdoei as árvores por isso e jamais o farei. Se pudesse deitava fogo a esta floresta.

Quando pensávamos que tínhamos arrancado todas as árvores que precisávamos de destruir, elas continuavam a crescer, cercando-nos. Tínhamos de estar atentos às plântulas que brotavam por todo o lado. Faziam-me lembrar as panelas sujas ou a roupa por lavar: esfregávamos e esfregávamos até ficarem limpas e uma hora depois os flocos de aveia ficavam agarrados ao fundo ou sujávamos o avental de lama e apercebíamos-nos de que aquilo nunca tem fim, que existiriam sempre panelas e roupa para lavar. O mesmo se pode dizer das árvores, desbravamos um terreno e elas começam a germinar outra vez. Pelo menos demoram mais tempo do que a roupa para lavar. Mas pensamos que estamos atentos e depois passa-se um ano e descobrimos que deixámos escapar uma plântula e de repente é uma árvore, com raízes que se recusam a sair.

Ouvi dizer que há terras no Oeste que não têm uma única árvore. Prados. Quisesse Deus que eu fosse para lá... Tentei convencer o James a irmos, mas não me deu ouvidos, disse que já tínhamos construído o nosso lar, acorados como sapos neste pântano fedorento e apodrecido, e aqui iremos ficar.

Ele ouviu um ramo estalar no pomar, atrás de si. «Lá vem a minha sombra», pensou James. Não se virou para trás, em vez disso passando o dedo ao longo do ramo da árvore mais próxima, uma ácida, e sentindo a protuberância satisfatória de um rebento.

— Robert, traz-me uma Golden Pippins da cave.

Uns minutos depois, o seu filho mais novo regressou e estendeu-lhe uma maçã amarela manchada com uns pontos castanhos; a única maçã amarela em Black Swamp, tanto quanto James sabia. Possuía um formato alongado invulgar, como se alguém a tivesse esticado, e era suficientemente pequena para a segurar à vontade na

mão. Apertou-a, antecipando o seu sabor. Podia estar engelhada e mole, e já ter algum tempo, mas as Golden Pippins mantinham o sabor, se não mesmo a frescura, durante meses.

James deu-lhe uma dentada e, embora não sorrisse (os sorrisos eram coisa rara em Black Swamp), fechou os olhos por uns instantes para melhor apreciar o sabor. As Golden Pippins combinavam o sabor dos frutos secos com o mel, à mistura com um travo forte que lhe tinham dito ser semelhante ao do ananás. Fazia-o recordar a mãe e a irmã a rirem-se à mesa da cozinha no Connecticut, enquanto cortavam rodela de maçã para secar. As três árvores na orla do pomar de Black Swamp que produziam essas maçãs doces tinham sido enxertadas dessa árvore de Golden Pippins com que James crescera. Enxertara-as quando os Goodenough tinham chegado pela primeira vez a Black Swamp, nove anos antes, a partir de ramos que insistira em levar para o Ohio. Embora enxertadas ao mesmo tempo, tinham crescido com tamanhos diferentes; James achava incrível o facto de as árvores poderem ser tão diferentes entre elas como acontecia com os seus próprios filhos.

Robert observava-o com os seus olhos castanhos da cor da resina de pinheiro, muito quieto e concentrado, fazendo lembrar uma das raças mais inteligentes de cães: os cães pastores ou os pastores alemães. Raramente precisava que cuidassem dele e parecia compreender as árvores como mais nenhum Goodenough era capaz. Por direito deveria ser o favorito de James: um filho, franzino mas saudável, esperto e alerta, a criança Goodenough mais provável de sobreviver à vida no pântano. Nascera pouco depois de eles se terem mudado para Black Swamp e talvez por ser um nativo do pântano os mosquitos deixavam-no em paz, indo procurar sangue estranho. Mesmo em pequeno, fora Robert que cuidara dos Goodenough por ocasião da febre dos pântanos, sendo por vezes o único membro da família não afetado. Seguia o pai para todo o lado, observando-o e aprendendo com ele, enquanto os irmãos mais velhos, Caleb e Nathan, não demonstravam qualquer interesse. Todavia, James ficava desconcertado com essa atenção do filho. Com quase nove anos, Robert era demasiado novo para julgar as outras pessoas, mas era frequente levar James a fazer exercícios de

introspeção, deparando-se sempre com falhas. Contudo, por muito que ensinasse a Robert (como esfolar esquilos, como construir uma vedação feita de artemísia, como encher os espaços entre os toros da casa de madeira para a tornar mais quente, como armazenar maçãs de modo a não ficarem tocadas), o filho continuava sempre a olhar para ele, à espera de mais. Por isso é que preferia a frágil e distraída Martha, que não parecia querer mais do que James lhe podia dar.

Agora o olhar fixo de Robert fazia James sentir-se preso qual pedaço de couro pregado a uma parede, e ele apalpou a Golden Pippins meio comida, deixando-a cair. Ela rebolou para cima de umas folhas mortas, com a polpa exposta virada para baixo. James ainda mal se mexera e já Robert a tinha apanhado, limpado e estendido ao pai.

— Acaba-a tu — disse-lhe James.

— Já não sobram muitas, pai.

— Não faz mal. Come-a tu. — James observou com satisfação enquanto o filho terminava a maçã com duas dentadas, o rosto revelando o prazer tímido que sentia face ao sabor.

— De onde é que vieram estas Golden Pippins? — perguntou ao filho.

— Do Connecticut.

— E antes disso?

— Da Inglaterra. Os seus avós trouxeram ramos da macieira favorita deles.

— Em que sítio da Inglaterra?

Robert fitou o pai com os seus olhos inquietantes e abanou a cabeça. Não era rapaz para inventar quando não sabia. James ficou satisfeito com a sua sinceridade.

— Herefordshire. Ora bem, amanhã vamos fazer enxertias. Vai ver como está o barro de enxertar, para ver se não secou. Se for o caso, acrescenta um pouco de água e mexe bem.

Robert acenou com a cabeça.

— Sabes o que é? Não precisas que vá contigo?

— Eu trato disso, pai. — Robert afastou-se em direção ao rio, pegando num balde de madeira pelo caminho. Quase todas as primaveras, James Goodenough enxertava algumas macieiras,

transformando ácidas em comestíveis, ou ácidas fracas em ácidas de melhor qualidade. Aprendera com o pai no Connecticut a transformar uma simples árvore numa árvore produtiva e, apesar de já ter feito dezenas de enxertias bem-sucedidas, continuava a valorizar o elemento surpresa dessa recriação. No quarto outono que tinham passado em Black Swamp fizeram a primeira colheita de Golden Pippins, pequenas e com uma casca mais grossa do que as do Connecticut, mas comestíveis. James ainda recordava a primeira dentada que dera numa delas, saboreando a polpa crocante e o sabor a mel com o dito travo a ananás. O facto de as Golden Pippins conseguirem crescer no pântano (o facto de um pouco da sua vida normal no Connecticut se encontrar agora enraizada na lama do Ohio) deu-lhe a esperança de um dia vir a sentir-se finalmente em casa.

A enxertia sempre parecera um milagre a James, o ato de retirar a melhor parte de uma árvore (as raízes, digamos), de a juntar à melhor parte de outra árvore (uma que produza maçãs doces) e criar uma terceira árvore, forte e produtiva. Era um pouco como fazer um bebé, sentia ele, com a diferença de que se podia escolher as características. Se ele pudesse enxertar os filhos, que partes de si próprio e de Sadie é que escolheria juntar? Talvez a sua perseverança com a vitalidade dela; a qual, embora inconstante, era contagiosa. Se ela estivesse com a disposição certa, era capaz de pôr uma sala cheia de gente a dançar.

Porém, ele não podia escolher as partes: elas aconteciam de forma aleatória. As crianças Goodenough não eram uma combinação das melhores características dos pais, mas por vezes uma mistura dolorosa das coisas que incomodavam James em relação a si mesmo com as que ele detestava em Sadie, com uma pitada das personalidades individuais deles. Caleb era obstinado e violento, Sal era mal-humorada, Martha era insegura, Nathan era sarcástico. Robert era um mistério; era quase como se tivesse sido trocado à nascença, pensava James de vez em quando, uma criança que ele jamais acreditaria que pertencia a Sadie se não o tivesse visto escorregar para fora do seu útero numa torrente de água e sangue, dando à costa sem um único choro.